

Corpos (de estudo) e educação decolonial: interculturalidade na Técnica Silvestre de Dança

Marcela Botelho Brasil*, Lívia Alessandra Fialho da Costa**

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre corpo, decolonialidade e educação a partir da Técnica Silvestre de Dança, criada por Rosângela Silvestre. A pesquisa toma como campo empírico o processo de treinamento Intensivo de janeiro de 2025, que representa uma história de 30 anos de cursos realizados em Salvador, Bahia, numa experiência educativa que articula movimento, ancestralidade e interculturalidade crítica. O estudo assume o corpo como ponto de partida para a produção de conhecimento e a dança como elemento epistemológico, pedagógico e político, que realça rupturas com lógicas racionalistas para a desestabilização de poderes coloniais. O uso dos caderninhos como diários de campo reforça a dimensão reflexiva da prática, enraizada em memórias coletivas e cosmologias afro-diaspóricas e indígenas, que contribui para a criação de consciências encarnadas no pensamento crítico. A proposta afasta o corpo da posição de explorações enquanto objeto, afirmando-o como potência de reorganização de conceitos, de modo a conceber a noção de “corpos de estudos” nas ciências humanas. Por meio de uma metodologia que se constrói na feitura da escrita acadêmica, em interseção com a arte, que materializa a luta decolonial, o trabalho aceita os enigmas e convoca à escuta dos chamados como forma de reencantamento do saber, numa encruzilhada entre pedagogias libertadoras, de autonomia, interculturais e centradas na sapiência da corporalidade. Celebra-se o diálogo com Catherine Walsh (2009), Paulo Freire (1987), Luiz Rufino (2017), Leda Martins (2021), Nego Bispo (2021), bell hooks (2020) e Rosângela Silvestre (2025).

Palavras-chave: corpos de estudo; educação decolonial; técnica Silvestre de dança.

Bodies (of study) and decolonial education: interculturality in the Silvestre Dance Technique

Abstract

This article proposes a reflection on the body, decoloniality, and education based on the Silvestre Dance Technique, created by Rosângela Silvestre. The research uses as its empirical field the Intensive training process of January 2025, which represents a 30-year history of courses held in Salvador, Bahia, in an educational experience that articulates movement, ancestry, and critical interculturality. The study assumes the body as a starting point for the production of knowledge and dance as an epistemological, pedagogical, and political element, which highlights ruptures with rationalist logics for the destabilization of colonial powers. The use of notebooks as field diaries reinforces the reflective dimension of the practice, rooted in collective memories and afro-diasporic and indigenous cosmologies, which contributes to the creation of consciousnesses embodied in critical thinking. The proposal distances the body from the position of exploration as an object, affirming it as a power for reorganizing concepts, in order to conceive the notion of “bodies of study” in the human sciences. Through a methodology that is built on the making of academic writing, in intersection with art, which materializes the decolonial struggle, the work accepts

* Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutoranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista CAPES de Demanda Social (DS), anteriormente Bolsista CAPES do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Artista da Dança com carreira nacional e internacional, é professora de Educação Física, Yoga e outras corporalidades, que incluem a Técnica Silvestre de Dança. Vinculada ao Grupo de Pesquisa Educação, Desigualdades e Diversidades (UNEB) e Grupo GIRA – Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Repertórios Afro-Brasileiros e Populares (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4776-3289>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5037895673684485>. E-mail: marcelabrasil@gmail.com.

** Doutora em Antropologia e Etnologia pela École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS-Paris). Professora Titular Plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I - Salvador. É pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB). Bolsista de Produtividade do CNPq. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Desigualdades e Diversidades (UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5769-8233>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0710584663045726>. E-mail: fialho2021@gmail.com.

the enigmas and summons for listening to the calls as a way of re-enchanting knowledge, at a crossroads between liberating, autonomous, intercultural pedagogies and those centered on the wisdom of corporality. Dialogue is celebrated with Catherine Walsh (2009), Paulo Freire (1987), Luiz Rufino (2017), Leda Martins (2021), Nego Bispo (2021), bell hooks (2020) and Rosangela Silvestre (2025).

Keywords: bodies of study; decolonial education; Silvestre dance technique.

Cuerpos (de estudio) y educación decolonial: interculturalidad en la Técnica Silvestre de Danza

Resumen

El artículo propone una reflexión sobre cuerpo, decolonialidad y educación a partir de la Técnica Silvestre de Danza, creada por Rosangela Silvestre. La investigación tiene como campo empírico el proceso de entrenamiento Intensivo de enero de 2025, que representa una historia de 30 años de cursos realizados en Salvador, Bahía, una experiencia educativa que articula movimiento, ancestralidad y interculturalidad crítica. El estudio asume el cuerpo como punto de partida para la producción de conocimiento y la danza como elemento epistemológico, pedagógico y político, que evidencia rupturas con lógicas racionalistas para la desestabilización de poderes coloniales. El uso de cuadernos como diarios de campo refuerza la dimensión reflexiva de la práctica, enraizada en memorias colectivas y cosmologías afrodiáspóricas e indígenas, lo que contribuye a la creación de conciencias encarnadas en el pensamiento crítico. La propuesta aleja el cuerpo de la posición de exploración como objeto, afirmándolo como potencia reorganizadora de conceptos, para concebir la noción de “cuerpos de estudio” en las ciencias humanas. A través de una metodología que se construye desde la realización de la escritura académica, en intersección con el arte, que materializa la lucha decolonial, la obra acepta los enigmas y convoca a la escucha de los llamados como forma de reencantar el conocimiento, en una encrucijada entre pedagogías liberadoras, autónomas, interculturales y centradas en las sabidurías de la corporalidad. El diálogo se celebra con Catherine Walsh (2009), Paulo Freire (1987), Luiz Rufino (2017), Leda Martins (2021), Nego Bispo (2021), bell hooks (2020) y Rosangela Silvestre (2025).

Palabras clave: cuerpos de estudio; educación decolonial; técnica Silvestre de danza.

INTRODUÇÃO: OS CHAMADOS E A CHAMADA

Rosangela Silvestre¹ é artista, professora e criadora de uma técnica de dança própria, denominada *Silvestre Technique* – quando seu trabalho já se destacava nos Estados Unidos e as aulas de *Miss Silvestre* foram batizadas com o seu sobrenome. Natural de Salvador, essa estudiosa baiana continua a expandir suas artes e pesquisas em muitas partes do mundo, amparada por diferentes contextos e culturas. A história que desejamos compartilhar neste artigo é sobre este saber-fazer da Técnica Silvestre. O enfoque será conhecido no percurso da escrita, sem planejamento prévio de um caminho determinado, mas com a possibilidade de **perder-se** pela potência de argumentos de outras autorias. Perder-se também é caminho. Essa ideia é atribuída ao escritor Guimarães Rosa. E revela como a vida é feita de incertezas e desvios, e, nesses trajetos não-lineares, podemos encontrar jornadas de autoconhecimento e descoberta.

¹ Rosangela Silvestre é coreógrafa, dançarina, instrutora e criadora da Técnica Silvestre, com reconhecida atuação nacional e internacional em processos formativos desde os anos 1980. Artista com vasta experiência técnica e musical, ela é graduada em Dança e pós-graduada em Coreografia (UFBA), e é também responsável pela direção geral dos programas de treinamento Intensivos anuais de Técnica Silvestre em Salvador, além de viajar para múltiplos cursos e atuações no Brasil e no exterior. É uma Mestra - de dança e de vida – no sentido mais profundo que essa palavra possa alcançar.

A escrita acontece em resposta a um “chamado”, e chamados são como missões que aparecem pelo caminho. Uma das missões atuais é a criação de uma tese² de doutorado³ que coloca o corpo como protagonista na relação com a educação. Nos intercruzamentos deste caminho de busca, no qual se enredam corpos, teses e educações, para escutar os chamados, é preciso ter atenção ao entorno, relacionar-se com o ambiente e pessoas em volta – coisas que se aprimoram com a Técnica Silvestre. Este termo “chamado” veio de lá e chega a este texto através da oralidade, após ser proferido pela mestra Rosangela Silvestre, que carrega em si e semeia com o seu trabalho, frutos de ancestralidades profundas – diaspóricas e/ou originárias.

As águas que serão navegadas são dançantes e a estrutura se compõe como uma coreografia, com o movimento de imagens que são consideradas texto - de leituras abertas a diferentes interpretações, de maneira a promover entendimentos múltiplos mesmo em meio ao ambiente acadêmico, que todavia anseia por uma organização racionalista. Nossa metodologia se revela na feitura e, aqui, deixamos um convite a todas as pessoas: que possamos “nos perder juntas”.

Escrever um artigo — sobre essa temática — é navegar em águas rasas que transbordam deste poço profundo, que reconhece uma sabedoria ancestral infinita neste saber-fazer dançante e, embora possa ter muitos outros enfoques, uma outra missão seria trazer do lugar da Arte e da Dança a forte aliança com a Educação.

Aprender a escutar os chamados trouxe a esta “chamada”: um dossiê sobre **interculturalidade** vindo de uma parente nordestina. Cada uma dessas palavras: interculturalidade, diversidade, histórias, saberes, emancipação, ancestralidades - **nos** convoca à reflexão sobre educação, nesse entrelaçamento entre Bahia, Maranhão, Amazônia, Estados Unidos, e tantas outras partes do planeta. A aliança se fortalece na ligação entre Dança e Artes, que podem até ser consideradas “outros” campos por suas especificidades, mas que precisam caminhar de mãos dadas com a Educação.

O corpo-autoria da tese e sua orientadora representam o plural nestes verbos que agregam também outras coletividades e lugares de fala: mães, professoras, pesquisadoras,

² A tese “Corpo, logo existo: epistemologias de corpo a partir de teses em educação no Brasil”, em curso, está vinculada à Linha de Pesquisa 1 – Processos civilizatórios: educação, memória e pluralidade cultural, do PPGEDUC/UNEB.

³ A produção está associada ao Grupo de Pesquisa Educação, Desigualdades e Diversidades (UNEB) e está relacionada ao projeto guarda-chuva “Religião na escola e na família: continuidades e descontinuidades em espaços de socialização” (CNPq Chamada Edital Universal. Processo nº 408309/2021-0).

artistas ou antropólogas, fluentes em francês ou alemão, da Amazônia, Bahia ou Maranhão. Corpo-tese e **ori**⁴ são vozes através do texto, e voz é corpo.

Apresentamos reflexões a partir de Catherine Walsh (2009), Paulo Freire (1987), Luiz Rufino (2017), Leda Martins (2021), Nego Bispo (2021), bell hooks (2020) e Rosangela Silvestre (2025).

A TÉCNICA SILVESTRE E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA

Se organizadas por uma lógica racionalista, deveríamos partir para o desenvolvimento do conceito de Técnica Silvestre: o que é, como surgiu, do que se constitui. Contudo, nas encruzilhadas com Luiz Rufino (2017) encontramos a possibilidade desconcertante que parece mais adequada a tratar do assunto, que deseja contemplar corpos diversos e educação decolonial, sob a perspectiva da interculturalidade crítica. Assim,

Pergunte a um capoeira como se aprende as artes das gingas e esquivas e possivelmente terá como resposta algo tão desconcertante quanto uma rasteira. Certa vez, lancei-me à aventura de indagar um velho mestre sobre seu aprendizado e ganhei a seguinte resposta: “uma pergunta tão boa dessas não precisa nem de resposta!” Vá ao jongo e pergunte, do mais novo ao mais velho, como se aprende e escutará uma infinidade de respostas tão enigmáticas quanto os versos dos mais habilidosos versadores: “aprendi na barra da saia!” “Aprendi no pé de fulano!” “Aprendi no pé de pau”. Em uma das minhas buscas, perguntei a uma antiga senhora do candomblé sobre os seus aprendizados e ela me respondeu: “aprendi de esperar, o tempo foi o meu mestre!” Aí estão as múltiplas possibilidades de educação, amarradas em respostas que invocam e resguardam complexos de saberes variados, respostas que nos dão pistas do cosmopolitismo de saberes e de educações existentes nos cursos e cruzos da diáspora africana (RUFINO, 2017, p.124-125).

A Técnica Silvestre carrega esta herança ancestral de enigmas e cruzos. As respostas não estão prontas, nem mesmo sobre os conceitos, ainda que suas fundações sejam bem embasadas em estudos de uma diversidade de culturas. O que sempre fica com a Técnica Silvestre é a dança. Uma dança que vocaliza tons africanos e se fortalece na diáspora e nas práticas que chegaram a terras do Pindorama, sem “abrir mão” de se relacionar a criações do balé clássico - que ainda se difunde na língua francesa, ou em movimentos da dança moderna, que são mencionados em inglês sem precisar de tradução. Na prática, se compreende *plié*, *flat*

⁴ O trocadilho é usado para referir-se à corpo-orientadora e traz a simbologia da palavra de origem iorubá *orí*, que significa literalmente cabeça, mas que representa um conceito metafísico conectado à intuição espiritual, a parte que carrega a divindade Orixá incorporada à essência humana.

back, chakras ou “triângulo da inspiração – *dê guê bá*”, com origens distintas que carregam em si culturas diversas e revelam o amaranhado de possibilidades que pode fazer um movimento inspirado na simbologia de Orixá chegar junto com um *grand battement*, movimento de elevação da perna numa forte batida, estudado pelo balé.

Dialogar em ginga com Rufino (2017) é experimentar o risco de mover um conceito, torná-lo dançante, pois a resposta é mutante e pode surgir do giro de uma pirueta bem executada ou de um desequilíbrio imprevisto que exigirá do corpo uma rápida articulação de solução para sua própria proteção. Às vezes, precisamos nos levantar como o capoeira que caiu por ocasião de uma rasteira, ao escutar como resposta um conceito que não está fechado, mas que não deixa de ser um saber potente.

Tal premissa pode gerar estranhamento à forma de educar à qual estamos acostumadas ou que fomos histórica e culturalmente ensinadas a aprender. A ciência mais tradicional ainda anseia por enquadrar categorias e métodos, como padrão para desenvolver epistemologias ou construção de conhecimento, em circuitos de “mão única” que prezam por se delinear em linhas retas e bem objetivas. Quando “nos perdemos” por teorias que não começam por ideias fechadas, podemos nos esbarrar em sinais sutis de revelações e chamados que mostram caminhos amarrados nas incertezas, ao invés das certezas. Levantamo-nos da rasteira e (contra)atacamos com a afirmação de que o corpo é a potência de reorganização destes saberes. No corpo, acontece a mescla entre o que é memória, o que foi vivido e faz parte do contexto de cada pessoa, e a partir dessas informações ou conhecimentos (corporais) prévios, nos impactamos e afetamos - ou não - com o que se escuta, o que se vê, o que se sente, experiências igualmente mediadas pelo corpo, que a todo momento gera aprendizado.

Na Técnica Silvestre de Dança, essa organização de saberes, centrada no corpo, contempla ancestrais africanos, parentes indígenas, e inclui também europeus. Trabalha-se muito com estudantes estrangeiras, mulheres em sua maioria, sem desvalorizar suas origens, pois a origem de cada pessoa é preciosa! Fortalecer cada história e apreciar todas as pessoas não é desconsiderar que

a tal empreitada civilizatória atou um nó que precisa urgentemente ser desembaraçado, e, para esse desate, haveremos de reivindicar as sabedorias assentes em outros corpos e gramáticas. A marafunda colonial produziu os substantivos ‘raça’ e ‘indígena’, o primeiro como sendo o desvio, a condição do não ser; o segundo como o termo que define a condição de etnocentrado.

Com base nesses termos, se produziu uma realidade a partir da reivindicação de distinção e superioridade da ganância do Ocidente europeu (RUFINO, 2017, p. 141).

A marafunda colonial é o termo utilizado para dimensionar os efeitos do colonialismo europeu ocidental como trauma que segue em aberto e ainda produz violências (RUFINO, 2017, p.107). Trazer as marcas de povos indígenas e grande influência de tradições africanas e diaspóricas são características da Técnica Silvestre, que sempre esteve livre para se mesclar a concepções de toda parte, sem perder sua identidade. Mesmo reconhecida como brasileira, ela não deixa de expressar o Pindorama, diversidades da África e outras majorias, que tentaram ser suprimidas pelo sistema colonial. Neste ponto, o Pindorama alcança a encruzilhada com Abya Yala e, deste modo, convocamos Catherine Walsh (2009) para fortalecer que o estudo de caso da Técnica Silvestre compreende que

ainda mais central, é o interesse em colocar no cenário (...) uma perspectiva crítica da interculturalidade, que se encontra enlaçada com uma pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; isto é, projetos de interculturalidade, pedagogia e práxis que assumem a perspectiva da decolonialidade (WALSH, 2009, p.13-14).

Para adentrar as águas que nos banham nas danças dessa técnica, gostaríamos de apresentar: o Intensivo, os caderninhos e as interseções com uma tese em criação, que a todo momento se alinham com a luta decolonial.

O caso: o Intensivo de janeiro de 2025

O **Intensivo** será tratado com letra maiúscula. Ele é quase uma entidade criada pela demanda no estudo da Técnica Silvestre de Dança e, em 2025, celebrou a sua 30ª edição de janeiro. Então, falar sobre esses processos de treinamento Intensivos é, ao mesmo tempo, revelar temas atuais e contar uma história com mais de 30 anos. Participar destes cursos já é uma ação recorrente que se iniciou na década dos anos 2000, entretanto, a Técnica Silvestre segue em constante reinvenção, o que torna as descobertas infinitas. {parágrafo}

Sempre se reforça o caráter processual deste acontecimento. É uma vivência que não começa em janeiro, pois se considera a história de cada estudante, tampouco termina na mostra coreográfica na última sexta-feira deste mês, afinal, os entendimentos de ciclos que se renovam continuamente se assemelham à ideia do “começo, meio e começo” de Nêgo Bispo (2021), bem como às considerações do “tempo espiralar”, de Leda Martins (2021).

As experiências de corpo e modos de vida-educação relacionados ao processo de treinamento **Intensivo**, oferecido pela Técnica Silvestre de Dança, são atualmente realizadas no espaço da Silvestre Associação Cultural, no 4º andar do edifício Rubi, de frente para o monumento da Cruz Caída e com vista para o mar da Baía de Todos os Santos, no Pelourinho, centro histórico de Salvador-Bahia, Brasil.

Foto 1 – Vista a partir das janelas do Espaço Silvestre, centro histórico de Salvador - Bahia



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela de Marcela Brasil (jan. 2025).

A intenção de fazer (pessoas) leitoras experimentarem a **imersão** traz as imagens para este artigo, registradas durante o período de realização do curso deste ano, que aconteceu entre 6 e 31 de janeiro de 2025. Daqui (de dentro) nasce o nosso campo empírico, que se projeta para fora, para o mundo. A fotografia revela o que vemos de dentro do espaço para introduzir o que aí foi vivenciado e é tomado como elemento de pesquisa. Fotos **não** são meras ilustrações. Figuras são a maneira de tornar mais “palpáveis” essas experiências profundamente corporais. Deste modo, o objetivo das imagens não é ilustrar, mas, sobretudo, atingir com mais profundidade o corporificar. Ressalta-se que as imagens são registros da própria autora, ou seja, a fotografia cristaliza instantes que o corpo experimentou durante o Intensivo daquele janeiro. Assim, cada imagem é também memória, herança, salvaguarda de movimentos dançantes extremamente efêmeros, que promovem uma espécie de ancestralidade cultural, compartilhada pelas pessoas que vivenciaram juntas os chamados da Técnica Silvestre.

O Intensivo é como parte da **família** – outro conceito desta técnica, que transforma toda a comunidade de participantes deste evento num núcleo familiar – estudantes e seus parentes, musicistas, professores e equipe de produção. Família é indispensável, pois “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Nas pedagogias dessa dança, podemos contemplar a autonomia, a libertação e outras tantas aproximações com as ideias **freireanas**. Contudo, muitas formulações são próprias, criadas e difundidas pelo saber-fazer dessas aulas, pela pesquisa incessante de Rosângela Silvestre e pela observação de novas professoralidades que têm a liberdade metodológica de apropriar-se da técnica em diferentes contextos de dança.

Alguns verbos no plural trazem essa família, que vêm conosco nas nossas obras, e quando acreditamos e trabalhamos com certos valores, essas ações são compartilhadas coletivamente por uma equipe de professoras, mulheres negras ou mestiças, em sua maioria, o que já representa uma inversão de valores interculturais, de forma a corroborar com uma perspectiva crítica, que assume uma construção “desde baixo”, a partir de pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização (WALSH, 2009).

Com esta breve apresentação, o processo de treinamento Intensivo de janeiro de 2025 é tomado como campo empírico, cujas vivências transbordam reflexões neste artigo. A imagem a seguir revela o Espaço Silvestre por dentro, uma sala de aula com cadeiras apenas para os músicos e visitantes. Um estúdio de dança com piso apropriado para que corpos se lancem no ar e sejam amortecidos pelo espaço flutuante entre as madeiras, forradas de linóleo em sua superfície. O espelho é recurso usado com prudência, e as janelas têm a vista para o infinito que começa nos corpos. E, com o infinito, esses corpos dançam!

Foto 2 – Processo de treinamento Intensivo em Técnica Silvestre



Fonte: Arquivo pessoal. Foto de Marcela Brasil (jan. 2025).

Os caderninhos

Dentre as muitas preciosidades que poderíamos abordar, gostaríamos de destacar a recomendação sobre ter um **caderninho**, artefato que veio como sucessor da apostila. Anteriormente, para atender à solicitação de estudantes da técnica, havia um material pré-formatado que era oferecido com os principais fundamentos das simbologias que são trabalhadas na corporalidade. Porém, essa apostila deixou de ser ofertada para dar lugar aos caderninhos, que podem se constituir de qualquer bloco de notas, mas trazem em si o exercício do pensamento crítico. {parágrafo}

A transformação foi como abolir o material didático, eliminando o compilado com respostas prontas e conceitos fechados, o que gerava certa acomodação em refletir sobre os fundamentos explanados, uma vez que se recebia um guia que entregava definições bem objetivas sobre cada elemento simbólico: os três triângulos, os quatro elementos, a relação com arquétipos de Orixás, a comunicação terra-cosmos, o círculo de harmonia que envolve o Corpo-Universo – estes elementos, experimentados pela dança através de movimento e/ou filosofia. Aqui, não se constitui como objetivo desenvolver o sentido de cada uma dessas fundamentações. Os exemplos são trazidos para que se revele a complexidade da transposição dos conhecimentos elaborados no estúdio de dança, para a forma escrita e linear da apresentação de um artigo. As lógicas operacionais são distintas, o que pode impactar diretamente a maneira de construir o (con)texto.

Podemos dizer que os caderninhos são os diários de campo e que a Técnica Silvestre assumiu a tarefa de fazer pesquisa, de incentivar o olhar de cada participante e suas correlações com o processo de treinamento e com o entorno na cidade de Salvador. É incentivada a leitura sob a ótica própria - não apenas de livros, mas de contextos, acontecimentos, sensações, movimentos – uma vez que reconhecemos que cada estudante carrega suas visões e missões. Não há caderno igual a outro. Cada caderninho é um ato de reflexão altamente personalizado. Ressaltamos como esta transformação – da apostila pré-formatada para o caderninho – é imensamente significativa para a educação na contemporaneidade.

O Intensivo é o campo e o caderninho pessoal, a representação do instrumento de coleta de dados. Dados são algo mais amplo do que o rigor metodológico estabelece. As categorias a serem investigadas surgem no corpo, durante as experimentações. Essas (auto)percepções se entrelaçam à vida, ao entorno, aos chamados... Primeiramente, se lança

ao movimento da dança, que gera registros no caderninho e reflexões sobre o processo que não se basta na sala de aula. Consideramos que os caderninhos e este incentivo às pesquisas de campo dialogam com a concepção de educação libertadora de Paulo Freire (1987), que nos lembra que “não há educação neutra”, afirmação destacada por Catherine Walsh (2009) para embasar sua luta por uma educação intercultural, democrática e decolonial.

Outro aspecto a destacar sobre interculturalidade crítica é que nela não se apontam unicamente os problemas de diversidade étnica, mas, sim, os problemas coloniais - as diferenças do ser, da política, da economia, do conhecimento e da própria existência naturalizada como inferior através de critérios de raça, gênero e razão, além dos controles geopolíticos e interesses geoeconômicos (WALSH, 2009). {parágrafo}

Este projeto civilizatório, eurocêntrico e cristão, tem como coração o capital, o sistema capitalista, e traz a colonialidade do poder com o estabelecimento de apenas uma maneira de produção de conhecimento – que era a do homem branco europeu – transformando em bárbaras ou selvagens as cosmovisões indígenas e africanas de conceber a natureza como um entrelaçamento integral dos seres – humanos ou não humanos, tangíveis ou não-tangíveis. Tornar o homem superior à natureza (antropocentrismo) concedeu-lhe o estado de **explorador** e justificou as ações europeias de invasão-conquista da América e a tentativa de apagamento histórico, cultural e linguístico de identidades negras e indígenas (WALSH, 2009).

Explorar, muito comum na ciência, é tomada como palavra a ser evitada. O desejo é acabar com as explorações. Ainda que possa funcionar como sinônimo, desejamos estudar, investigar, pesquisar, aprofundar - sem explorar, afinal, essa palavra pode assumir também os papéis de oprimir, manipular, abusar, extorquir ou escravizar.

Com a memória viva, e de forma a articular as lutas decoloniais produzidas nas universidades e nos estúdios de dança, expõe-se que na programação do processo de treinamento Intensivo, de segunda a quinta-feira acontecem muitas experimentações de movimento com o estudo da Técnica Silvestre, análise de movimento com enfoques anatômicos e cinesiológicos, estudos de simbologia de Orixás e práticas coreográficas. Às sextas-feiras, o dia começa com uma aula mais dialogada, aberta a perguntas, comentários e compartilhamentos. Nessa aula, os caderninhos estão ao lado de cada participante e, embora as anotações possam acontecer em outros momentos, inclusive, são incentivadas após o

horário do curso, é neste dia que geralmente se escreve com mais densidade o que o corpo experimentou por toda a semana.

Nas anotações do caderninho pessoal do Intensivo de dança da Técnica Silvestre – ou diário de campo de vida – encontramos, na primeira sexta-feira, a sugestão de “ser cientista de si” (SILVESTRE, 2025, n.p.). Sem explorações, o corpo é tomado como ponto de partida, e assumimos – em família, o ensinamento de Rosangela Silvestre, de que não é possível treinar pelo corpo de outra pessoa, é preciso permitir-se à investigação, ao autoconhecimento. Na proporcionalidade de cada movimento acontece a descoberta, que expande o corpo e suas sapiências como princípio ético/estético da luta decolonial (RUFINO, 2017, p.111).

Constantes nessa luta, estudantes recebem de Rosangela o conselho de “tentar perceber a comunicação do corpo. Muita coisa, ela entendeu não por que escutou” (SILVESTRE, 2025, n.p.). Assim, a escuta de chamados não se caracteriza por uma ação auditiva, bem como uma **visão do mundo** não se restringe aos olhos. Num grupo com pessoas de diversos países, que falam idiomas diferentes e nem sempre entendem perfeitamente a comunicação verbal – por estarem se esforçando para compreender uma língua estrangeira – entender sem escutar pode ser uma ferramenta preciosa. O corpo não deixa de comunicar quando a fala acontece – em qualquer língua que seja. O corpo nunca deixa de comunicar. Magnífica em sua elaboração, bell hooks aponta que “antes de palavras serem ditas em sala de aula, nós nos encontramos como corpos” (2020, p.229). Ela reflete sobre esta consideração ao *ser-corpo* e todas as implicações desta constatação para uma proposta de ensinamento do pensamento crítico na prática.

“O corpo, a dimensão primeira do ser no mundo”, expressa “a manifestação do ser/saber inapreensíveis pela lógica totalitária (RUFINO, 2017, p. 107), numa comunicação que remete a memórias e promove intercruzamentos. A imersão num Intensivo de dança faz surgir a relação com a tese em andamento, afinal, corpo-memórias eclodem em ordem aleatória, convocadas pela imprevisibilidade de estímulos dos ambientes que levamos nossos corpos a experimentar, o que pode acontecer em vivências de estudos profundos ou em um simples passeio.

Corpos (de estudo), não objetos: uma proposição de tese

Corpos são (não)objetos de estudo – da educação, das artes ou de qualquer área. Compreendemos o termo “objeto de estudo” aplicado à ciência, mas não desejamos associar o

corpo a objeto em nenhuma hipótese – por ainda lembrar sobre as formulações que justificaram as explorações coloniais. Notamos que os “objetos” de estudo, sobretudo da educação, são quase sempre vivos, vibrantes e mutantes, e então, dada essa consideração, talvez seja propício repensar a nomenclatura “objeto”, especialmente para a grande área das ciências humanas. Uma proposição, totalmente implicada com a tese em questão, seria conceber “corpos” de estudo, num plural que contempla diversidades, e com corpos que estão sempre presentes nas relações humanas, o que inclui a educação. {parágrafo}

Pontualmente, pode haver pesquisa não relacionada ao corpo de maneira tão efetiva, o que é igualmente rico, diverso e democrático – nunca um defeito, mas o deslocamento da centralidade – de um objeto – para um corpo de estudo pode fazer pesquisadores de diversas áreas compreenderem que há corpo quando se pesquisa sobre racismo, povos indígenas, leis sobre cotas, documentos sobre a EJA ou educação especial – se há educação, há corpo! Ou melhor, há corpos!

A inversão da formulação também se aplica, se educação é considerada de forma mais ampla: se há corpos, há educação! Inserida numa linha de pesquisa que contempla pluralidade cultural, memória e educação, essa tese dança seus conceitos e reflete os caminhos por onde passa.

O mergulho nos estudos do Intensivo de 2025 nos reconecta às janelas do Espaço Silvestre, que agora nos remete simbolicamente a considerar o que vemos a partir de dentro. A pretensão não é descrever o Intensivo, isto seria minimizá-lo. A complexidade dos ensinamentos através do movimento corporal não é contemplada pela lógica da escrita acadêmica. Escrever sobre o Intensivo não o define. Sem vislumbrar um desfecho, o que vemos e desejamos dar à luz é como a interculturalidade crítica e a decolonialidade acontecem nos **corpos** que dançam com a Técnica Silvestre. A performance desenvolvida durante o Intensivo de janeiro de 2025 foi intitulada “Reflexo”, mas trazia em sua concepção, a ideia de olhar para dentro, e não de apreciar uma imagem externa.

Foto 3 – Cena da performance “Reflexo”, elaborada no Intensivo de Técnica Silvestre



Fonte: Arquivo pessoal. Foto de Marcela Brasil (31 jan. 2025).

A encruzilhada é constante: dança, memória e/ou escrita são mediadas pela corporalidade e trazem simbologias, relembram leituras, se articulam com a tese em criação e formulam novos conceitos e argumentos – **do corpo para a escrita**, essa parece ser a via de conhecimento! Aplicar essas inversões é uma tentativa de lutar contra lógicas da colonialidade – do saber, do poder, do ser. Na educação, poderosa ferramenta de intervenção,

manter a mente aberta é uma exigência essencial do pensamento crítico. (...) Grande parte da formação acadêmica incentiva os professores a acreditar que devem estar “certos” o tempo todo. Em vez disso, proponho que os professores estejam abertos o tempo todo, e devemos estar dispostos a reconhecer o que não sabemos. (...) Esse compromisso exige muita coragem e imaginação. (HOOKS, 2020, p.34).

Embasar as inversões é um exercício de manter corpo e mente integrados e abertos. A metodologia do perder-se é como esse “ser uma pessoa que está aberta”, sem um caminho pré-determinado – ainda que muito da ciência esteja fundada numa lógica racionalista. Neste estudo, refletimos como as corpo-memórias vão além deste modo de fazer ciência, até porque, nunca pareceu ser objetivo racionalista incluir o corpo como potência da descoberta, ao contrário, a mente foi separada do corpo e essa dicotomia ainda arrasta problemas de pesquisa. Inverter essa lógica inclui a transformação de um ensaio (de dança, ou qualquer outro) num artigo acadêmico que, mesmo antes da escrita, já se constitui pesquisa em si, uma vez que produz a sua própria elaboração de argumentos, conceitos e concepções, de modo a exigir

formulações e reapropriações complexas – do campo, dos dados, dos registros que se constituem memórias. Memórias precisam seguir vivas na corporalidade, para que a luta siga na direção do “ser corpo inteiro”, não dicotomizado; de saberes em diversidade e sem hierarquias; do empoderamento de todas as pessoas, em expressões decoloniais de ser, saber e poder.

Foto 4 – Parte da família de estudantes, musicistas e professoras do Intensivo de janeiro de 2025



Fonte: Arquivo pessoal. Foto de Marcela Brasil (31 jan.2025).

Para exercitar a mente aberta e in-**corpo**-rada, oferecemos a humanidade da imagem de nossos corpos, produtores e investigadores de si e do mundo, num momento de celebração após a mostra da performance que condensa inúmeras vivências e descobertas (corporais) de um Intensivo de Técnica Silvestre. Antes das finalizações formais {deste texto}, um entreato é ofertado para que cada pessoa leitora possa também refletir sobre os seus próprios chamados.

QUAL O SEU CHAMADO?

Como uma experiência imersiva, sugerimos uma pausa nesta leitura para contemplar o que está à sua volta... Dedique atenção a detalhes, esteja aberta (seja uma pessoa aberta) a mergulhar em memórias. Sim, o corpo tem essa sabedoria no entrelaçamento, no emaranhar... Se precisar, deixe o corpo ir a outras direções, movimentar-se de maneira mais

expansiva... As pausas são preciosas e podem acontecer dentro do processo. Você pode respirar profundamente. E seguir. Ao perceber o entorno, pergunte-se: qual o seu chamado?

CONSIDERAÇÕES FINAIS: REENCANTAMENTOS E RETICÊNCIAS

A chamada de um dossiê que se propõe a debater enfoques históricos, epistemológicos e pedagógicos de maneira a envolver questões inseparáveis de corpo – relações étnico-raciais, questões de gênero e sexualidade, etarismo, capacitismo, entre outros – foi um grande chamado. O que está à sua volta? Quais os chamados que aguardam ser escutados?

A Técnica Silvestre nos provoca à continuidade e ao autoconhecimento através dos estudos de corpo, movimento, simbologias e dança. De lá, aprendemos a valorizar os ciclos, que se fecham e ao mesmo tempo se abrem para novas possibilidades. Encerrar este artigo é lançar esta questão que reencanta novos chamados e não termina num ponto final, mas, sim, em reticências...

É difícil separar Arte e artista. Este corpo-tese em criação assume cada vez mais a relevância de declarar-se artista – e com isso, revelar infinitas intenções na preferência de termos para as escritas acadêmicas. Um destes termos é a **criação de uma tese**, o que mais comumente é anunciado como construção. Nesta mesma inversão de lógica, as epistemologias tão difundidas como formas de construção de conhecimento podem abrir espaço para a concepção de uma mutante **criação de conhecimentos**. Para dar outros exemplos, prefere-se a profundidade do que pode significar a **interpretação** ao invés do termo análise, e simples conectores, como **destarte**, chegam com a força *dest-Arte*. Para além da liberdade dos invencionismos da criação, há os corpos, plurais, culturais, superlativos, **(não)objetos** de investigação que se confortam melhor como **corpos de estudo**.

O artigo que, metodologicamente, cresce na própria feitura, vê florescer o objetivo de desestabilizar certas lógicas racionalistas, que trazem total implicação à luta decolonial. Lançar luzes aos corpos e suas diversidades contribui para novas expressões do ser, saber e poder, com o empoderamento da origem de cada pessoa, de todo conhecimento. A proposta artística da Técnica Silvestre integra dança, oralidade e formas de resistência, numa construção de saberes decoloniais, lembradas aqui através das imagens e anotações do caderninho do Intensivo de janeiro de 2025. {parágrafo}

Cada corpo, ainda que sombreado contra a luz, revela essas histórias, saberes e fazeres, numa dinâmica que contempla pesquisa, memória e ancestralidade. Trazer experiências como esta para o meio científico é considerado essencial. Concepções criadas e recriadas, dentro da estrutura de organização desta técnica, dialogam com outras ideias frequentemente mais difundidas em ambientes acadêmicos, como o “começo, meio e começo”, de Nêgo Bispo (2021), o “tempo espiralar” de Leda Martins (2021) ou o “pensamento crítico” de bell hooks (2020). Nos quatro pontos desta encruzilhada, reconhecemos pedagogias decoloniais inspiradas nos estudos interculturais de Walsh (2009), nas autonomias e libertações de Freire (1987), na sapiência do corpo da tese de Rufino (2017), que se encontram magistralmente orquestradas na técnica de dança de Rosangela Silvestre (2025).

São diversas as possibilidades de entrelaçamento entre corpo e educação, que amparam uma tese que teima em não se desgarrar da Arte como forma de materializar a luta decolonial. Nosso objetivo é alcançar pluralidades, e abordar a Técnica Silvestre de Dança é como revelar o “reflexo” (de dentro) através deste mergulho em práticas corporais interculturais, libertadoras e educativas, que fazem transbordar pouco do grande legado que a Mestra Rosangela Silvestre representa para a dança, para a Bahia e para o mundo.

REFERÊNCIAS

- BISPO, Nêgo. Começo, meio e começo. **Revista Revestrés**. Teresina, ed. 50, dez. 2021. Disponível em: <<https://revistarevestres.com.br/entrevista/comeco-meio-e-comeco/>>. Acesso em: 10 maio 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., 23. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libânio. São Paulo: Elefante, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- RUFINO JÚNIOR, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. Orientadora: Mailsa Carla Pinto Passos. 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- SILVESTRE, Rosangela. **Processo de Treinamento Intensivo na Técnica Silvestre de Dança**. Salvador: Silvestre Associação Cultural, 6-31 jan. 2025. Notas de aula.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

Recebido em: *Junho/2025.*

Aprovado em: *Abril/2026.*